

Valdecir de Oliveira Anselmo

Recendência



Poesias

"Um anjo transluz através dos teus olhos"

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

1 - Quando o amor tocar a alma

Se algum dia o amor te tocar a alma
Fala do sonho que te acalanta
Fala da poesia que te arrebatada
Fala do pranto que te comove
Fala do riso que te envolve

Se algum dia o amor te tocar a alma
Fala do sol que te aquece
Fala das flores
Que margeiam teu caminho
Tão sereno
Fala do olhar que te entenecece
Fala do sorriso que te emudece

Se algum dia o amor te tocar a alma
Fala de tudo aquilo que te encanta
Mas não deixe
Nunca deixe de falar
Do amor que te toca a alma.

2 - Recendência (Luzes n'alma)

Miríade de luzes n'alma pululam
em recendente aroma de méleos olores
ao adejar suave de asas ao vento
refestelam-se ao repique de gáudios fragores

É o ruflar de anjos fagueiros
ao ataviar-se a lua de álaçre olhar
esvoaçam aos rumores dos risos que entoam
os lábios ao afago de doce estreitar

Assim ao flanar d'alma que anseia
deleite de anelos em doce espreitar
a brisa permeia em rocio ao relento
leva consigo um anjo a cismar

N'alma entrevejo um sol de esperança
ao doce arpejo d'um riso a exalar
suave perfume que eclode das flores
que vem dos amores meu sonho embalar

Então na calada as luzes se acendem
inflama-se a alma em doce sonhar
tem nos pendores seus nobres anseios
assim aos enleios com anjo a folgar.

3 - Auto-retrato

Ensimesmo-me na aprazibilidade d'um recanto
Onde então meu canto, qual feérica ave canora
Em hora prandial, hora de comunhão com a luz
A qual transluz do peito como quem em templo ora

Sou quem está a um passo da angelitude, mas vacila
Quem se envereda por trilha de lucescentes pegadas
As quais se acham atadas por liames indeléveis
Impregnadas de leves recendências ou de atmosferas pesadas

Sou quem almeja embeber-se na luz do que lhe falta alcançar
Quem vê algo abarcar, aquilo que anela
Que diante de si desvela em toda sua visão sublime
Mas que logo se esvai o encanto quando se vê imanente a ela

Sou quem ao belo, embevecido, contempla, extasiado
A deslindar-lhe o segredo, ocultado em seus variados feitios
Descrevendo com atavios, em formas que lhe agrada
Pois com as mesmas, cúmpliciada, prende-se a alma em seus lios.

De tudo aquilo que creio, por mais que haja contraste:
Amo o fugaz devaneio de um poeta, seu sonho
E folgo, assim, tão risonho, ao que me alimenta e seduz
... e assim minha vida conduz em um acalanto, destarte.

4 - Desejo de um anjo

A dulcificante ternura que exala a alma
Na placidez idílica, calma dos elementos
Tem a fluidez dos alentos, refocilo apetecível
É indelével, imperecível, como os anelados pensamentos

Regozijos, cortejos de encantos deleitosos
Dimanam d'anjos garbosos, anjos adejantes
Melenas esvoaçantes no céu, arco luminoso
É qual vistoso sorriso nos paramos triunfantes

Se houvessem dois sóis a refulgirem seu olhar
Seriam tácito expressar dos olhos de um anjo risonho
Cuja vivaz expressão do seu sonho, seu anelo
É ver incidir seu desvelo num olhar plangente, tristonho
E faze-lo sorrir, novamente.

5 - Melifluidade

Na dulcíflua mansidão dos teus olhos o encanto adeja
E nele a lídima beleza, embebida num mar de candura
Tem a decantada ternura de tudo que flui com o afeto
E também o querer tão dileto que eleva a alma à altura

Na melifluidade do teu sorriso
O tão almejado paraíso se descortina
E a alma, maestrina, rege, num mirífico encanto
O orquestrar acalanto que ao amor se destina

Onde há luz todo sonho se afina
à candura que ilumina e aquece
pois que a alma embevece, fazendo-a vibrar
e um canto enlevar a esse amor que enobrece.

6 - Ao olhar-te

A limpidez de um sorriso tem a dulcificancia do encanto
E consigo o méleo acalanto que vem a alma embeber
Deixando-a então se envolver, como o permitir-se enlevar
Como quem ousa sonhar e no sonho então se entreter

E assim, ao olhar de relance, sem nos teus olhos se ater
Como se a alma a temer não o possa mais desviar
Como se a pudesse encantar e os olhos então em regalo
Não ouvissem um ruído, um estalo, que a fizesse voltar

Pois tal encanto que exalas e vem ao recanto espraia
Onde está a alma a ficar, sorridente e encantada
Tendo a imagem querida, aquela decantada em poesia
Aquele que traz alegria, por mais longe que esteja do olhar assim afastada.

7 - Sobre teus olhos

Na limpidez glaucica de teus olhos
Confluem os rios do encanto
Nesse aprazível recanto onde os sorrisos são lios
Que prendem, em dourais fios, a alma em algum recanto

Em mélea dulcificancia embebido
Como se da luz tivesse haurido, em méleo enternecimento
Um tão vivaz sentimento, acalentado em ternura
Que eleva a alma à altura, ensimesmada em momento

E assim se edificam os mundos, os universos da alma
Sorvendo a calma do olhar e a placidez de um sorriso
Moldando o eternal paraíso em um só momento de luz
Pois que de um só olhar transluz a limpidez de um fluir, em curso assim tão preciso.

8 - Resfôlego

A alma resfolegada na alfombra
Tendo a aprazível sombra de árvore frondosa
E o refrescor de uma rosa, em sua doce olência
E essa inolvidável recendência d'alma assim tão formosa

Que mais almejar pode a alma d'um poeta
Além da brisa que lhe afeta e faz seu coração vibrar
E que lhe faz decantar em verso assim tão silente
E tem esse querer tão olente, quase a lhe embriagar?

Pode mais, sim, pode mais almejar
Pode seu querer, seu cantar, ter ecos onde um verso adejar
Com asas de quem se deixa enlevar, embevecido
Bebendo, do céu descido, a luz dum alento
Deixar-se, ao sabor do vento, ao seu bafejo embalar.

9 - A atmosfera d'um sonho

Deitar e sonhar e então a alma
Em aprazível calma embebida
Como se o alento pra toda a vida haurisse
Como pra luz se influísse toda a esperança comedida

Deitar e sonhar e então deixar o devaneio
Como um anelo em permeio se imiscuir no seu sonho
E de um poema sobejamente enfadonho, torná-lo vibrante
E um olor penetrante fazê-lo ficar tão risonho

Deitar e sonhar e no sonho então te encontrar
E a alma, por fim, se insuflar de uma alegria incontida
Que se translada pra vida, como a inspirar e aquecer
Como deixar-se enternecer em atmosfera querida.

10 - Suspiros noturnos

Divagas minha alma, suspirosa
Ao colher uma rosa em onírico jardim
Entrajando-me do carmim que dimanar dela
E vendo o bailado duma estrela, como se o céu estivesse em festim

Divagas minha alma, suspirosa
Ao ver no céu, tão formosa, a decantada Lucina
Como a musa que se destina à ansiedade aplacar
De meus olhos a enamorar fugidia imagem de menina

Divagas minha alma, suspirosa
Sorvendo a paz deleitosa de quem no encanto se embebe
No rocío da noite - e recebe abluência
A lhe perpassar na essência - e a transmutar-se se atreve.

11 - À poesia

Sem arrefecer-me o ânimo
E ter como arrimo teu sorriso primeiro
Olvidando o zombeteiro desfecho
Declamo um trecho de um poema verdadeiro

Hauro a olência refrescante que no ar se dissipa
Caminho com um anjo que transita no paraíso – em uma sua alameda
E lhe peço que me conceda uma graça, tão somente...
que me deixe viver, placidamente, ao acalanto do estro que me segreda

Olho-o, com os olhos em lágrima!
E lhe peço uma rima bem feita
Pra ofertar à eleita – com o mais singelo dos mimos
E digo a ele: - Cumprimos nosso dever com a poesia – a sinceridade aceita
E ele, então, sorri e diz: - Louva à Musa o que sentimos!

12 - Enaltecendo o encanto

Um dia indagou-me um anjo, ao fragor dum devaneio
Em que minh'alma, em um anseio febril, palpitava
Em que um sonho distava não muito além de um sorriso
E se vislumbrava o paraíso lá onde um verso adejava:

- O que é o encanto, me defina!
O que é essa luz que se destina a nortear a alma enamorada
À doce e feliz morada dos anjos, seu destino
De brilho inolvidável e cristalino e afagante
E tem tal fragrante recendência dum afeto peregrino?

- Não sei definir, meu anjo, não tenho a afagante certeza!
Só sei que o encanto coteja à luz que dimana do afeto
E dum poema completo é uma estrofe perfeita
É nele que se deleita a alma ... de um poeta discreto!

13 - Sol num sorriso

Teu sorriso tem a recendência dum jardim de flores
Tem essa olência d'olores que dimana delas
Tem a luz d'estrelas que cintilam num mundo ideal
Tem a candura lirial das almas belas!

Teu sorriso é uma réstia de sol que incide no afeto
É pro poeta modesto um lindo verso comovente
Que o deixa embevecido e contente – e a alma assim embebida
No encanto, essa fragrância espargida no albor de luz tão fulgente

Ah! Dia claro, de perfumoso esplendor!
É pro poeta o candor dum sorriso sereno
É aprazível, é ameno, esse calor que suscita
Ternura inaudita a um simples “oi”, um simples aceno...
E então o dia transcorre suave e sereno!

14 - Flor

Se pudesse dar-te uma flor a cada dia
Toda a ternura que recendia iria em minh'alma perpassar
Toda sua olência a lhe insuflar afeto então iria
Todo albor então traria a luz a se espraiair!

Se pudesse dar-te uma flor a cada dia
Quando um sorriso transluzia de alma então contente
Trazendo o frescor olente que no ar se impregnasse
Meu olhar, embevecido, declamasse um poema, vivazmente!

Se pudesse dar-te uma flor a cada dia
Minh'alma não deixaria sequer de sorrir um só momento
E teria a me embalar o pensamento a fragrância da ternura
E uma ridente candura dum afagado sentimento!

15 - Mil versos

Quando a beleza se insufla do encanto n'alma nidifica a ternura
E o albor tem mais alvura em suas cores
E a alma ao falar de amores tem melífluo seu bafejo
E no afeto, que suscita um beijo – nos superlativos dos sonhos – seus anelos maiores

Olhar, então o céu – como os anjos – os olhos embevecidos, marejados
Fazer mil poemas ensejados na alegria de momentos aprazíveis
Ter os olhos sensíveis para o horizonte abarcar
Ter a alma a ficar embebida em afeições fiéis

Então o entusiasmo fará escrever mil versos em única página
Tendo o galanteio por disciplina e o arroubo como intrépido guia
Tendo a luz como vigia, afastando os temores da solidão
Fazendo bela canção de uma estrofe fugidia.

16 - Olência das flores

Quem contempla uma flor
E a arrosta com desprezo
Certamente desdenha o amor
E perde-se um doce ensejo

Quero, portanto, mais rosas no prado
Quero mais sons de violinos
Quero hinos de amores
Quero doces olores pra te dar como mimo

Quero refocilar-me na alfombra
Quero em sombra de árvore frondosa
Cheirar olente rosa, embeber-me em seu perfume
E ter ao invés de azedume, alacridade d'alma ditosa.

17 - Amor: flamejante perfume

O poeta em nímeo gole todo encanto entorna
E seu desvelo adorna de virtude a alma que ama
Pois do coração dimana toda ternura e afeto
Que transmite ao ser dileto aos fulgores de uma flama

E toda tristeza se esvai, se estiola
Nessa olência que evola, suscitando encanto
Que provem do recanto onde nasce uma flor
Cujo doce olor é tal qual acalanto

E o rocio que cai e lha embebe
Diria até que se atreve a dar-lhe um beijo ligeiro
Qual anjo assim tão fagueiro, na alacridade do afeto
Fazendo um méleo dueto com o refrescor do seu cheiro.

18 - Dúlcido encanto

Quando o dúlcido encanto deambula embevecido
Por ter, enfim, haurido na placidez onírica
Essa rica olência de uma rara flor
Que um anjo chamou de amor com sua voz mirífica

Adeja no mesmo céu dess'anjo, minh'alma
Te embebas na calma fluidez dos seus olhos
Deixa que os lios de suas asas te envolvam
E que por fim se dissolvam os pensamentos sombrios

Fazei-me, oh anjo risonho, teu dileto pupilo
Embebendo-me em mar tranqüilo, em sua gláucica abluência
Transluzindo de minha essência esse amor então dormente
A me afagar tão docemente ao longo dessa existência!

19 - Páramo sublime (Aline)

Te ver é tão vital quanto o ar que respiro
Que minh'alma em suspiro outra coisa não há que almejar
Com tanto ardor que ao arquejar descansa um pouco
E então qual louco procuro um rosto em meu sonhar

Com o afã tremendo como o céu buscar
Minh'alma a errar inda vagueia ao decantar
A beleza que é tanta que só havendo quem a suplante
Que sirva então igual calmante que faça a alma então quedar

Nesse páramo sublime que é aprazível
Que, de tão risível, graceja ao meu
Gesto arroubado que se apegou à tua beleza
Que só coteja a esse anjo que vara o céu.

20 - Hausto sereno

A graciosidade deambula em teu sorriso ameno
No hausto sereno de quem se embebe no encanto
Em vivaz acalanto da luz que te perpassa
A simpatia te enlaça, em seu enleio pleno

A luz que em ti incide prende em gracioso amarrilho
Junto a ti a candura, fitilho usado em presente
Que um anjo tão docemente te ofertou com afeto
Vendo chegar-se bem perto de seus olhos teu brilho

És graciosa e querida como teu nome o confirma
O teu olhar se destina ao puro afeiçoamento
Enleando em vivaz aprazimento aqueles que cativas
Pois em concorde as divas te chamaram Alina.

21 - Arranjo orquestral

Te ver é como contemplar a face de um anjo
é como um arranjo orquestral tua beleza
é como se embeber na certeza de que não há igual encanto
que se compare nesse recanto com tal graça e tal leveza

Te ver, anjo lindo
é como se embeber no infundo céu
e buscar no véu da noite uma estrela solitária
que tenha a luz vicária à beleza que cintila aqui

Minha alma então sorri quando com o olhar teu se depara
pois teu brilho que deixara arrebatado e tão contente
aquele anjo plangente que se chama saudade
pois teu semblante é só claridade que aquece a alma da gente.

22 - Oloroso perfume

Nunca antes com a luz se coadunou a beleza
de forma tão coesa que a tudo envolve
como o encanto que evolue com um méleo sorriso
ao eternal paraíso que até um anjo comove

Nunca antes, que a mim se achegue
lembrança que me pegue a contemplar, encantado
deixando o coração enleado em seu palpar de emoção
querendo compor-te canção ou um poema inspirado

Nunca antes, meu anjo, a luz teve o brilho de agora
Sequer a rosa que aflora perfume mais doce não tem
Até a brisa detém seu caminhar tão moroso
para pegar o oloroso perfume que exalas, contém.

23 - Melodia

Havia um anjo com a voz mais melíflua que seu ouviu
Como uma melodia que partiu do paraíso
Que entenece como um sorriso cativante
Como um encanto que doravante não sairá do coração

É uma canção inaudita sua beleza
Tem dulcíssima pureza a melodia
Traz a luz pra um novo dia – como um sol dulcificante
Tem seu olhar penetrante tão meiga e doce alegria

É luz que transita entre as belezas do mundo
Tem um olhar tão profundo que engolfa a essência encantada
E faz-te, figura amada, um anjo que faz-me sentir afeição
E um sentimento em efusão que deixa a alma enlevada.

24 - Embevecido

Anjos pululam na luz do teu olhar
E esse encanto a dimanar em profusão de beleza e graça
Na alma perpassa com sua fragrância airosa
Em silfidez tão formosa como o ideal que se enlaça

A um sonho deleitoso, em acalanto
Na melifluidade de um canto harmonioso
És um anjo assim formoso, na claridade embebido
Tem esse encanto que rido esse seu ar donairoso

Anjos brincam em teus olhos, assim tão fagueiros
Em seus melieiros encantos como se outra luz não trouxessem
Como se eles viessem do paraíso celeste
Só pra te dar como veste essa beleza que tens.

25 - Deleite

Um anjo de contemplar-te jamais se cansa, jamais se enfada
Pois sua inspiração albergada na luz do teu olhar
Traz o amor a imbuir seu coração
E vem o seu existir acalentar

És a doce luz dulcificante
Tens um olhar penetrante, tens um encanto inaudito
Traz a paz pro aflito coração que ao sonhar
Tem ao te contemplar um sentimento incontrito

Se o anjo não se vê no teu olhar refletido
Se sente a vagar perdido no ermo de seu pesar
Sem tua vivaz claridade a rebrilhar em seu sonho
Se encontra por vezes tristonho até, novamente, te olhar.

26 - Seráfico olhar

Na luz se embebeu seu seráfico olhar
E o anjo embevecido ficar deixou-se
Como se ele não fosse a pura expressão da meiguice
Que a alma haurisse pra no amor deleitar

E ele então a sonhar, dulcífluo enlevo
O riso em desvelo derramando com graça
Sobre a face tão bela qual feérica imagem
Cuja doce harmonia à paragem do encanto conduzia o mancebo

O anjo expressou-se, sem pretensões ou entono
A pureza em contorno delineando o falar:
- É linda, é bela, a menina que vejo
Que só um desejo: sua beleza exaltar.

27 - Réstias da luz

Melíflua melodia a alma exalou
Com a luz que se embrenhou em um sonho diletto
Pra poder ficar bem perto desse olhar tão decantado
Desse ser amado que tem o sinal do afeto

Ó esplendor divinal!
Nesse eternal acalanto da luz
Que d'alma transluz com a beleza apetecível
Faz-me, oh anjo invisível! A réstia do amor que reluz!

Tomas a alma em seu acoisar o encanto
No ridente recanto onde est'anjo convive
Com o amor que revive quando brilha o olhar seu...
E que traga pra terra esse céu onde estive.

28 - Oníricas paragens

Um anjo te confundiu com a luz
Pois a beleza de ti transluz e é qual uma estrela
Que então ao revê-la tomei-a por sol
A nortear-me – farol – nessas paragens oníricas

Pois tu'alma, nessas ricas vestes do encanto,
Passeia ao recanto como um anjo, embebido em alacridade
E tua doce claridade fez do meu mundo – paraíso –
Onde, embebido em teu sorriso, erijo então uma cidade!

Há praças e jardins floridos - e regatos a serpentear, risonhos
Há luz de sonhos em incursões serenas, em gáudio d'anjos meninos!
Há olhos cheios de ternura e paz – que beleza imensa!!!
E há minh'alma então propensa a lá ficar por toda a vida
Bebendo a luz que então haurida das habitações dos peregrinos.

Anjos pululam, com gáudio efusivo
No sonho tão vivo qual coração latejante
E eu, então, andejante, os olhos enternecidos ao céu
Entretecia um poema, quase então uma oração

Joelhos vingados ao chão, a alma em enlace tão terno...
Um beijo, com amor tão fraterno, na fronte dum anjo de luz
Que então minh'alma conduz com mão extremosa e suave
E eu com ele evolava, qual ave, na busca dum céu anelado

Sorria, então, ao seu lado, eu – somente alguém que ficou
Na luz por fim embebido quando o paraíso inundou
Com o mar de luz desse olhar – olhar d'anjo fagueiro
Que é então um luzeiro, que vem almas guiar!

30 - Musa

Um anjo se imiscuiu em teu olhar
pra desvelar, além da cativante face,
esse brilho que traz o enlace da beleza
com o encanto a perpassar
com tal deleite no evolar que traz leveza

Tu'alma tem o brilho doce desses jardins floridos
em que comovidos os anjos em sentimentais passeios
nos meneios d'asas, em seus galanteios
que em devaneios te elevavam aos céus

Queira o anjo agora dar respaldo aos meus
versos toscos sem pretensão alguma
pra tirar da bruma essa luz serena
que então te acena com louvor à uma
figura angélica que desponta em cena.

31 - Manancial da beleza

Um anjo em teu olhar se embebeu por fim
Pois afim à luz em teu céu ele adejava
E o encanto que desse olhar então transluz
Tem o brilho que reluz até no céu onde morava

E ele então do páramo que decantava belezas mil
Deixou-lhas todas e então partiu, embevecido
Tendo por bagagem o querido e doce sonho
Que seu espírito risonho estreitava, enternecido
E onde o coração seu fez paragem

Direi ao anjo, ao pé do ouvido
Quando ele se chegar à amada minha:
- Não tinha então razão o meu
Achar que toda a beleza que ao céu chegava
De outra fonte não provinha?

32 - Um poema no olhar

Um anjo na esfuziancia dum olhar
Embevecido a exalar dulcíflua fragrância
Que tem na recendência do encanto
O méleo acalanto dum sonho a oscular

A face risonha que então embebida
Na luz que haurida no manancial de tu'graça
Pois tua alma a enlaça quando brilha o olhar teu
E dum sonho tão meu se vestirá minha essência

Pois a tua existência cumulou-me de luz
E tua face reluz o indizível esplendor
Que nem sequer o bom anjo, em seu recanto aprazível
Com a Beleza visível aos seus olhos, compôs
Poema igual ao olhar teu, inesquecível.

33 - Ritos da luz

Na refulgência duma estrela matutina
Em revérberos de luz um anjo a andejar
Na via que alborava com brilho d'olhos
Que como lios do encanto punham a alma a sonhar

Est'alma que é flama e que é todo o meu ser
Que ao alvorecer, em seu plácido anseio
Busca, de permeio, na luz se embeber
Em uníssonos ao anjo em seu galanteio

Cuja voz, um poema melífluo
Que recende onde fluo, com lépido espírito
Através desse espaço que preenche com a luz
Que do seu ser transluz como um mágico rito.

34 - Solfejos do encanto

Voa minha alma extemporânea
Em seu cortejo reminescente
Em seu flamar audaz cotejo
Ao brilho que te enlaça, transcendente

No rol desse teu estro nidifica
Est'ave em afago, em devaneio
Em suspiro que exala esse meu âmagô
Amava o prender-me nesse enleio

Tinha ao decantar doce desvelo
Era a flama que flutua ao acalanto
Tenho os versos que a saudade então declama
E o aroma que exala meu recanto

E assim quando o encanto arrefecia
Pairava o arrolho que cantavas
No ar que recendia teu consolo
Sentia a mesma paz que tu buscavas.

35 - Fulgor de um anjo

Um anjo então desceu do céu
E em cada estágio da descida sua
A doce efusão do sol e a plácida timidez da lua
Testemunhas eram do desvelo seu

Pois ele descera pra ficar bem perto
Do seu afeto que lhe insuflava o peito
Dessa flama a qual já estava afeito
E também da luz que o norteava ao certo

E ele deixou amainar então
O brilho do ser que a angelitude traz
Pra que a amada ao ver seu enamorado olhar
Seus olhos, em um deslumbrar, não se esgazeassem, não.

36 - Alegre anjo

Um anjo saudou o dia com inenarrável ternura
Afeito à candura como atributo indelével
De alma abluída em fonte perene
Que mana indene para além do horizonte

Que nele s'embebe, porém sem corromper
A limpidez em pureza que cotejava à su'graça
E tinha a destreza ao afrontar com pirraça
Quando chegava a tristeza no seu peito irromper

Ficava, calado, no seu canto e sorria
E falava que havia só alegria em seu canto
E então convidava, com gesto galante:

- Te achega, avante! Brinca comigo ao recanto,
Às margens do álveo com som murmurante.

37 - Debutante

Um anjo se inclinou e através das nuvens
Vislumbrou a imagem mais linda que conceber pudesse
Apesar de sob o Sol beleza houvesse
Nenhuma além daquela lhe fascinou

E como se a luz lhe concedesse o brilho
Qual atrativo maior do seu encanto
O anjo, então, tão enlevado

Prostrou-se ao chão do seu recanto

E as mãos postas em oração sublime
Louvou ao céu o conceder-lhe a graça
De contemplar a beleza que desvelava
Toda a leveza que ao olhar perpassa.

38 - Minh'alma em teu olhar (Para uma linda menina)

Do brilho de teus olhos dimana teu encanto
teu riso é o acalanto que minha alma enteneceu
Em olência teu fascínio recendeu nesse recanto

impregnado de tua graça, onde adeja o coração

Teu nome é uma canção que minha alma solfejou
tua beleza transladou ao teu rosto que transluz
toda a graça que traduz a efusão de um meigo olhar
a incidir, a se espraiair como o albor de cada dia

Tua beleza que fulgia, cumulou-me de ternura
inclinando com doçura minha alma à devoção
te estreitar junto ao coração é o que anseio com carinho
nidificar qual passarinho minha alma em teu olhar.

Nesse dia de indizível expressão do encanto
O inefável adeja com seu cortejo e reluz
E a graça conduz com extremoso desvelo
Retê-lo n'alma é como abastar-se da luz

Que dimana do anjo na deidade embebido
Nesse dia de vívido céu tão risonho
Estreita esse sonho das almas queridas
Que levam suas vidas nesse acalanto tão seu

Sua ternura transluz quando a face oscula
D'alma em candura que anula o cismar
Pois então seu cantar tem o tono do alento
E seu pensamento é um hino, na luz a vogar.

40 - Um dia de luz

Uma onda de luz embebe esse dia
Que assim reluzia com o afago do encanto
Em atavios do manto com liral seu fulgir
Com a graça a incidir no jardim do recanto

Que é o paraíso para a alma remida
Que ama a vida com a alegria de um anjo
Que faz do seu manto qual se asa em voejo
Seu doce adejo traz a luz de algum guia

Que então transluzia d'alma ridente
Que tem a olente expressão da ternura
De anjo em alvura, em candura embebido
Que assim tão querido te vela d'altura.

41 - Doce enlevo

Um anjo, no amor, se embebia até os sonhos
E suas asas então ruflar sequer podia
Pois nem um dispersar arrefecia
O encanto em seus olhos tão risonhos

A brisa até ficou o reboiço
Da miríade de seres tão fagueiros
Que subiam encantados esses oiteiros,
Consustancias do anelo em pleno viço

Para mais perto ouvir o seu silente
E encantado fluir do pensamento
Seu doce alento era seu guia
E sua alegria seguia olente.

42 - Efusão

Um anjo n'alma risonho perpassou
suas asas majestosas roçaram o coração
com afago, com efusão, estreitou-me em seu desvelo
quisera então retê-lo com o perfume que deixou

Seu canto mavioso, impregnado de poesia
então alusão fazia ao liame que entretece
o riso que não fenece, antes n'alma refulgia
qual luz de cada dia em que o encanto se embebesse

Tenho o afago do lene riso que minh'alma acalentou
tenho o amor que então ficou como um mar que não se exaure
desse anjo que então haure do fervor o doce afeto
e ao chegar-se assim tão perto seu bafejo me enlevou.

43 - Querubim

Anjos brincavam, peraltas
Além das altas nuvens, enlevados
Tinham nos risos, enleados, cumplicidade tão pura
Trajados com vestidura de luz eram então revelados

Eram anjos, olhos verdes, cabelos louros ao vento
Hauridos do firmamento seus halos, brilho intenso
Seu canto, puro consenso, em unicidade, em festim
Chegando até ao Querubim no paraíso Ascenso

De uma alegria discreta, não que fosse infenso
Nem que julgasse descenso o proceder arroubado
Era esse anjo calado, seu brilho assim expressivo
O seu olhar alusivo ao olhar de pai desvelado.

44 - Sífide imagem

Da cara imagem a essência vivaz
mavioso adágio que entretinha o infinito
exaure d'alma a flama fugaz
sustem o verdor do onírico encanto

Então ao acalanto flanava audaz
sorvia das margens seu hálito alegre
na aléia de flores, olentes frescores
vicejam os amores que a brisa nos traz

Então se desfaz a sífide imagem
em ato que apraz à doce ilusão
ficou tão silente o apreço que eu tinha
que minh'alma entretinha no meu coração.

45 - Banquete com um anjo

Aprende seu cantar, aprende de oitava
imitando su'arte, de conviva na mesa
com minha afoiteza a sua inteireza não pude abarcar
Queria era estar consigo ao banquete e ouvir seu cantar

Queria era estar no riso efusivo que lhe é peculiar
Consigo brindar e bebericar em sua onírica taça
no sonho que passa, mas a alma enlaça, no gozo sedento
Queria suster o seu firmamento com o encanto a flertar

Queria era estar consigo na mesa
seu amor quem dera, minha sobremesa, então requestar!
Queria brindar na noite serena, no rocio do encanto
queria portanto ficar e dançar depois do banquete.

46 - Harmonia

Tem a doce harmonia dum riso galante
a flama enastrante que a alma enleou
ao arrol de amores que então em guirlanda
em entraj es de olores que minh'alma exalou

Quando refocila, ao peito estreitada
à voz da amada a verve vacila
então decantada se embebe ao arrebol
é flama, farol. Se espraia, lucila

Dedilhando a corda do peito queixoso
em flandar garboso de um anjo em folguedo

meu riso sorvia da doce harmonia
a tal de poesia que impregnava o meu céu brumoso.

47 - Carisma

Ah! se esse indelével dom que d'alma dimana
sustesse o fascínio ao arrimo da luz
o encanto transluz no riso que afana
a graça da jóia guardada no escrínio

O encanto enobrece a alma propensa
ao anelo do amor em nuance mais pura

evola à altura em plenitude do afeto
um afago em dueto com o amor se depura

Amo o aspirar esse doce voejo
folgo no ensejo que a vida me dá
Vejo lá luz onde havia desejo
do céu decantado por fim almejar.

48 - Cortejo

Tem o brilho eternal das visões oníricas
o flunar nas veredas de anjo tão cauto

Idílicas almas de hausto sereno
formavam o cortejo que então em lampejo varava-se o céu

Sua cauda, coreu de versos quebrados
banhava-me a fronte de anjo novel
E assim tão risonho lança-me atrás
do brilho vivaz dos seus tutelados

Incide o lampejo do estro em meu sonho
com brilho bisonho me julgo um poeta
Então experiente o anjo se achega
a mim ele entrega seu manto sereno
E assim encantado vou-lhe na alheta.

49 - Sentado

Um anjo então deixou-se inebriar
Pela dulcíflua paz que dimanava
Desse amor que a doce brisa acalentava
Enleado ao encanto em seu flunar

E ele então olhou placidamente
O ocaso do sol que dormitava
E a luz do arrebol se desvelava
Em seu fluir assim languidamente

Por fim ele sentou tão arquejante
O peito insuflado de alegria
Arfava com a luz que transluzia
Do seio que pulsava ao seu talante.

50 - A um anjo

Possuis a pureza do olhar
a candura do sorriso
a leveza no flunar
pelas sendas do paraíso

Tem teu canto a mansuetude
e o vôo audaz das aves altaneiras
vem embalar-me a quietude
sob suas asas sombreiras

De olhar, já ébrio, os olhos teus
voz embargada no vento ressoa
canção que de lágrimas os olhos meus
qual vaga embebe minha alma à toa

Quem te ama co'o céu se reveste
no ermo da solidão não vagueia
almeja essa paz celeste
das misérias do mundo se alheia.

51 - Écloga

No crisol da poesia a doce avena
de um anjo ádvena nas paragens d'amores
exala fulgores seu alegre corisco
su'asas recendem bucólico olor

Reúne as estrelas no céu, esse aprisco
Não cantes o flébil, suspiroso treno
tu és um poeta da campina olente
deixe esse desaire dolente ao anjo tristonho
pois rendo a tu' graça meu canto tão terno

És anjo afeito ao riso efusivo
de olhar persuasivo convida-me ao canto
Então eu prostrado em reza no prado
ouvia o murmúrio do regato sereno.

52 - Absorto

Meu anjo olhava... Quiçá se compraza o estar tão calado!
refluindo no tempo, resfolegado nas asas
Olhava ele o céu estrelado, e assim se abastava
do brilho em sobejo, do cálido beijo
que a noite lhe dava

Meu anjo brincava com as estrelas que tinha
abarcadas nas asas em esvoaços na brisa
Meu anjo as retinha na doce alegria, da qual se atavia
Enquanto fluía, meu canto avaliza
sua travessia na vau do encanto

Meu anjo, risonho, sorriso tão solto
cabelo revoltado, melenas ao vento
Deixava que o alento afagasse seu rosto
Amava com gosto, com grande alegria
a doce poesia que a noite trazia.

53 - Eflúvios

Quando a alma em fascínio se impregna
dos méleos eflúvios que dimanam ridentes
dos anjos luzentes, de olentes frescores
sorvendo os vapores minh'alma serena

Minh'alma se embebe na luz da angélica
do doce exalar da corbelha de flores
recende a virtude do cândido olhar
no acalantar minh'alma c'olores

Vislumbro meu anjo. Sua imagem é vivaz
de riso folgaz ele brinca ao jardim
Com gesto fagueiro a mim se achega
o anjo luzeiro suas flores me entrega.

54 - Anseios vernais

Quando a primavera se abasta de olores florais
Em que os anseios vernais deambulam pelos campos
E os dias escampos em festejos alegrativos
Pois que a alma em ablativos de viagem aos seus recantos

Esses refolhos aprazíveis do ser
Que os olhos deixam entrever em toda beleza imanente
Pois que a luz é tal qual semente que medra e eclode no imo
E traça um doce destino de méleas fragrâncias olentes

E então os campos ao vernal acalanto de ternas delícias
Nas tardes de amicícias folganças
Faziam d'almas crianças ao entreter-se, fagueiras
Colhendo as roseiras e fazendo entranças.

55 - Alacridade

Com seu álaque olhar a lua ressumbrava
Um quê de espírito exultante
Meu riso então flanava
E quedo olhava seu semblante

Fascinado estava ao olhar aliciante
Ao embeber a alma assim inebriada
No aljôfar da pranto cambiante
Transluz o olhar da minha amada

Mas a doce ilusão que assim me traga
Tem a placidez de um sonho des olado
Como se voraz a ingente vaga
Tragasse o riso, assim selado

Meu riso então flanava
E quedo olhava seu semblante
Com seu álaque olhar a luz ressumbrava
Um que de espírito exultante.

56 - Em um coro de anjos

Um anjo perpassou, qual brisa, rente à alma diletta
E então flecha precisa no coração veio a incidir
Com um olhar a transluzir toda a efusão de meigo ser
Deixou transparecer sua essência de poeta

E ele, então silente, em marejo o seu olhar
Com a luz a dimanar do seu peito em profusão
Transido em emoção estreitou às asas ternas
Aquele que as eternas vozes sua beleza a decantar

Iam ao voejar transladando a alma ao céu
Despojando então do véu o encanto pouco a pouco
E então o coro rouco de cantar por fim quedou
E o amor que tinha ao peito então o anjo extravasou.

57 - A acolhida

Um anjo hauriu do encanto a luz para o espírito seu
Para quando ao céu chegar ter o coração qual jóia em seu escrínio
Como um pássaro, ao deixar o ninho, ter asas fortes pra evoluar
E no amor então ficar embebido em seu fascínio

E o anjo buscou nas flores a recendência dum olor
Com o calor de seu espírito a irradiar sua energia
No fragor de sua alegria com estrépito alarido,
Em entraje tão garrido para a luz de um novo dia,

Ouvia ele o saudar dos anjos, seus irmãos,
Que como infindos grãos de areia se espraiavam ao infinito
Com um querer tão inaudito nesse mundo em evolução
Era qual uma ovação, um louvor ao amor escrito.

Quando a alma esforço envida
No transcurso de uma vida, tendo um sonho por respaldo
Tendo a alegria por saldo, crédito da esperança
Tendo a paz de criança e a sapiência da idade

Tendo a luz da eternidade a nortear o passo certo
Tendo um anjo por perto e a alma embebida
Em sua vivaz claridade

Então vem a alacridade em seu lampejo enteu
Trazer do céu uma nesga, um recanto só seu – paraíso almejado
Sentir-se então maturado no refocilo da luz
Sentir que o corpo é de truz e não será corrompido

Pois o ser então embebido em felicidade superna
Sentindo o bafejo da coeterna luz
Que te ouviu, no teu primeiro vagido.

59 - Frondes do encanto

Um anjo sentou-se à sombra da luz com frondes do encanto
No aprazível recanto onde o plácido álveo murmureja
E onde tua dulcíflua beleza paira, com sua alvacencia...
E a chama de minha essência nada mais vê com clareza

Pois somente a ti tenho a preencher-me o pensamento
E minha alma, sentimento, se sente então imp regnada
Da luz que só da amada então provem
E na qual se atem a contemplar, extasiada!

Levas, encanto, fagulhas de minh'alma contigo...
Pois só assim eu prossigo na célere busca de um amor tão louvável
Em um sonho deleitável que a alma então cinge
E que a luz que me atinge tenha um toque afável.

60 - Paz d'anjo

Um anjo osculou a face risonha
Como um jovem que sonha requestar a luz dum amor
Nesse querer de valor inestimável – tesouro pra alma, ternura
Que a eleva, por fim, à altura com asas de graça, candor

Trazia consigo o perfume das flores de luz dum vergel
Que era uma nesga do céu no qual flanava, entre os canteiros
Subindo e descendo os oiteiros, risonho, enamorado
Por ter ficado ao teu lado, sorvendo os encantos fagueiros

Olhava ele, em desvelo – desvelo d'anjo extremoso,
Com gesto assim tão garboso – o garbo dum amor tão silente,
E o céu por fim desvelando o véu que cobria o encanto
Deixando o anjo ao recanto sorvendo a paz, docemente.

61 - Ao teu encanto

O encanto em teus olhos, de tão excelso é indizível
Com brilho inaudível que só o coração pode ouvir
E só então persuadir o espírito, quase predisposto
A se enfeitiçar por um rosto como a ofuscância a incidir

Nos olhos quase a tirar-lhe a razão
Que então o fascínio em grácil voejo
Traz por fim em su'asas desejo tão puro:
Que o céu obscuro brilhasse com graça

E então que a ilusão se desfaça
E que a treva que embaça a pura expressão da ternura
Não pulse sequer mais um dia
Pois todo o afeto que havia e que adejava em seu céu
O anjo fez um dossel
Pro leito do amor que nascia.

62 - Luz e flores

Um anjo brincava ao entardecer
Com as estrelas que sorriam, embevecidas
À graça que fazia ao requesta-las
Da luz a atenção que lhe incidia

Pois ele aquele dia então colhera
Mais flores que de costume em seu jardim
E tinha em transbordo o coração
Ao impregnar então o ar o seu perfume

E fez com aquele lume um entrelaço
Nas flores pra ofertar à alma querida
Aquele cuja luz ofusca a todas
As estrelas que do céu dão-lhe assistida.

63 - Uma tela para o futuro

Um anjo audaz, de gesto fagueiro
Trejeito arroubado que encanta e seduz
Seu canto traduz a efusão repentina
Que afaga e fascina a alma que é luz

Tu'alma se afina com est'anjo ridente
Que segue contente, as asas ao vento
Sequer um lamento é nódoa ao seu canto
Pois do firmamento se abasta do encanto, que até de si doa

A luz que povoa o ermo recanto
E enxuga o pranto que vem do vazio
D'alma sem o afago de doce acalanto
E prima seu canto a evocar o estio

Que traz esse sol que incide no afeto
E assim bem de perto teu passo te vela
E pinta, enlevado, em vívida tela
Entregando ao futuro paisagem tão bela.

64 - Luz inebriante

Um anjo se inebriava
desses bafejos da luz
com a graça que conduz
ao limiar da candura
toda e qualquer criatura
que insuflada da ternura
trasladava a alma ao céu

Seu pensamento então ao léu
tinha as asas da ventura
e sua cândida alvura
cotejava-se tão somente
com a graça dimanante
desse encanto que vem d' altura...

Sorriu, embevecido
Ao amor que tinha haurido
No manancial de todo encanto

E se viu assim, portanto
Como um ser então querido
Pela luz desse recanto
Que falou, enternecido:

- Tenho o paraíso embebido
No brilho duma estrela
Tenho o encanto e a luz daquela
Que fascina o simples vê-la.

65 - A uma estrela

A beleza serena
Que perpassa em tua face
Todo encanto atraí
E de tua graça emana
A leveza sutil que a simpatia embala

E a candura em ti é tanta
Que quando um anjo se levanta
Pra contemplar o céu azul
Seus olhos, em regalo,
Nada fitam
Além da face linda de uma estrela
Que ou findar a noite, brilha ainda.

66 - Idílios

Nos ágapes, nos idílios, em enlaces eternos
Aos acalantos vernais, de lídimos afetos
Que nos sonhos dos despertos espíritos enamorados
Vêm-se por fim enleados aos seus pares diletos

A melifluidade em suas almas perpassa
E toda a névoa, toda fumaça, da sílfide ilusão
Não lhes turbava a visão, embebida na alegria

Pois o sol de cada dia traz alento ao coração

Deixem suas almas voejarem na alacridade
Em vivaz felicidade, olvidando o desencanto...
Para que não haja um só pranto, plangência fugaz!
Pois que à alma apraz sorrir num jardim, num recanto.

67 - Enternecimento

Hoje a alma se embebeu na luz de um sorriso
E era como desasir do Paraíso – um intenso em vão
Como se ao coração melifluisse a esperança

E a alma, qual criança, fagueira, cantava, então

Uma canção ao amor que se insuflava
No peito que arfava, trêmulo de sentimento
Pois um vivaz pensamento, perpassando na alma, como um beijo que arrebatava
Era um enlace que nos ata ao mais acalentado enternecimento

Amar, sim. Amar é apetecível
Mas será que é iniludível o coração de quem ama?
Será que do peito que se inflama
somente chispa fugaz não lhe dimana?

No arroubo vivaz, quando os lábios apregoam amar
e o coração a se enlear ao devaneio impertinente...
Quando o encanto olente perpassa, em sua alacridade, embebendo a alma
lá se vai toda a calma, toda a paz que a acalentava, docemente

Buscarás arrimo nas asas de um anjo, um consolo?
Buscarás estar *solo* na multidão em alarido?
Buscarás no mar proceloso, em seu olvidante bramido,
Sufocar teu pranto, em peito suspiroso?

Lances, poeta, ao mar esse escrínio plangente...
Deixe as ondas, languidamente, afastarem de ti toda dor...
Deixe que o amor perdure em teu coração, tão somente.

69 - Felicidade de um anjo

Suspiroso um anjo andejava
seu pensamento distava tão longe. Assaz!
Os olhos fechados, fugaz seu olhar
deixando-o enlevar num encanto primaz

Um encanto suscitado pelo primeiro desejo
um acalentado almejo fazendo suas asas vibrar
num dulcífluo ruflar, na melifluidade da brisa
que é uma vivaz poetiza, fagueira, a versejar

Seu olhar, num regalo de luz marejado
não o deixava enfadado, no belo embebido
pois do seu âmago haurido o que o sustem e embevesse
fazendo-o enlevar uma prece por ter a si acolhido.

70 - No coração

Quando o sonho em seu arroubo conducente
Em lepidéz promitente para a alma aquecer
Vem todo encanto aquiescer ao seu chamado
E vem achegar-se, assim ao lado, um anjo - sua luz a'alma embeber

Vedes, minh'alma, a alacridade que perpassa nas fronte ditosas
São belas, são formosas, as manifestações dessa alegria
Pois que o espírito atavia dessa luz tão cativante
... esse encanto penetrante que se imiscui na luz do dia

Um sonho é mais que um anelo na noite erma de solidão
É um afagar o coração, embebendo-o na esperança
E ter a alma feito criança, toda embevecida
Tendo o estreitar d'alma querida, ao acalanto duma lembrança.

71 - Olências ao vento

Quando deambula meus passos por uma vereda florida
A graça olente haurida tem dulcifluente alento
Desprendendo o pensamento, em lesta alacridade
O dia é só claridade e aprazível é o vento

Deixo a face ao ósculo seu...
E embevecido ao céu suspiros então exalo
E vem o estro, um estalo, inspiração tão vivaz
E minh'alma se apraz com o sorriso d'estrela, transluzindo em seu halo

Ah, doce brisa, doce bafejo sereno!
É tudo que se apetece. É ameno, como a ternura tão grata
Tem a fazer-te sonata na melifluente estação
Traz consigo a canção que nos prende, nos ata.

72 - O caminhar de um anjo na vereda da vida

Quando o encanto adeja na apazibilidade dum sonho
Há o alento, fagueiro, risonho, que perpassa, osculando
A face dum anjo, que cantando, a flunar
Vai no seu embalar, ao seu ritmo, andando

Observa o anjo, deslindando as belezas
Tendo tod'as certezas que um poeta ter possa
Tendo um poema que esboça, no rascunho da vida, em letra bela e cursiva
Ofertando pra diva, a eternidade bem-vinda, a lhe endossar a ternura

Tinha no olhar a ventura dos que vislumbram o futuro
Pois todo cuidado e acuro dando a cada existência
Proporcionando-lhe à essência tão graciosa leveza
E um sorriso que almeja o refocilo na paz, que embebe o ar de olência.

73 - Ano Novo, jovens anjos, renovados sonhos

Anjos, luzes a oscular o dólcido encanto!
Enquanto deambulam em recanto de aprazíveis olores
Dimanantes das flores vicejantes do afeto
Trazendo o sonho dileto, embebido em seus doces candores!

Não tires os olhos do horizonte
Nele há límpida fonte em manancial vivaz, oriunda!
Há terra verde e fecunda, onde vicejam amores eternos...
E a alma em pensamentos tão ternos... E a beleza?
Com certeza a beleza em cândida luz redundante!

E é legítimo, lucecente farol!
Com os fulgores do Sol a se imiscuir entre as nuvens
Norteando os coadjuvantes aedos para a fonte de luz
Que apraz e seduz seus espíritos jovens.

74 - Colóquios de um anjo com a esperança

Anjo fagueiro, afagando os seus sonhos tão diletos!
Em miríades de afetos, perpassando o coração.
Embebido em emoção, aquela tão sincera!
Não é onírica, nem quimera, o que perpassa em sua visão!

Esperança, sim, a decantada esperança!
Em singeleza de criança, na alacridade embebida!
Sorrindo, fagueira, pra vida, um riso tão meigo e sincero!
Dizendo: - Assim eu espero, que eu seja por ti acolhida!

E disse assim o anjinho, embevecido e contente:
- Te falo assim vivazmente, meu coração só ternura,
de pra tua doce candura um mimo assim tão sincero
te trago, em papel de sonho, embrulhada
uma nesga do céu, talhada a mesma em doçura.

30/12/2007

75 - Poesia, melifluente expressão da alma

Ah! Onírico encanto! É qual tela de lídimo pintor, um mestre
Na olência aprazivelmente campestre, embebido seu pincel
Pintando nergas do céu e melifluências de flores
Sorvendo os doces olores que a primavera traz, em farnel

Oh! O encanto! O encanto é poesia embebida em esperança
É fagueira, qual criança ao acalanto duma descoberta
É vivaz e esperta, na traquinice ingênua
Que sequer insinua qualquer malícia encoberta

Poesia, melifluente expressão da alma
É tão serena, tão calma, quanto a placidez de um lago
Tem o condão de um mago, a espargir alegria
Tem o afeto que havia ficado indelével num afago.

13/12/2006

76 - Luz do Sol, luz d'alma

Há chuva e frio lá fora, mas aqui dentro em minha alma há um sol vivaz
E um aprazível olor que não se desfaz, nem sequer se arrefece
E vem quando o dia amanhece e perdura além do arreborec declinar
Pois é o encanto a espraiair ternura, pra alma assim alentar

Sorri, então, minh'alma. Um riso assim tão sincero
Edificando, com desvelado esmero, um sonho, pra um anjo nele adejar
E embevecido a ficar sorrindo-me, assim tão grato
Pelo desprezioso meu ato da luz deixar-se mostrar

- Pra que a tristeza? - pergunta. - Porque o homem é assim?
Porque quando olham pra mim, suplicam, pedem o sol exterior
Pedem mais luz e calor para a alma aquecer
Não vêem que é só se embeber na luz do seu interior!

77 - Peregrino

Manancial de luz é o seu encanto
Se espraiando ao recanto aprazível, em olência refrescante
E eu, então, andejante, quando em inopinado momento
Vejo adejar-me o pensamento em seu céu de azul tirante

Ah, minha alma! Minha alma é só alacridade
E há nela serenidade, quando flana, embevecida
Pelas veredas da vida, embebida na olência
Em uma vivaz recendência, de sua orla florida

Há luz e perfume por onde minha alma passa
Há asa d'anjo, que ruflando, me enlaça, em seu estreitar, acalanto
É melifluente seu canto, canto suave, harmonia
Nele há alegria de quem transita fagueiro em dulcifluente recanto.
05/12/2006

78 - Sol

Há olência de afeto que o encanto espargiu
Há o fulgor que surgiu por detrás dum oiteiro
Há um sorriso fagueiro, embebido em ternura
Quando brilha d'altura esse astro obreiro

Sua luz deambula pelas veredas do alento
Trazendo do firmamento vivificante calor
Fazendo dueto com o olor das flores dum vergel...
E com a brisa, a bafejar o céu, ter então refrescor

Incide sua luz num riacho, límpida água fluindo
E lhe beberica, sorrindo, brejeiro como ele só, com toda su'graça
Restiando, perpassa, nas folhas de árvore frondosa
Fazendo alma ditosa de um pintor que lhe traça...

A passagem, na paisagem.
06/12/2006

79 - Poema e canção

Quando o encanto acarinha, num afetuoso estreitar
Há um sorriso a flunar por sobre florida vereda
Há a esperança tão leda, tão vivaz e tão meiga
Que ao amor se achega para um beijo lhe dar

Estava um anjo, ao recanto, a poemar, embevecido
Tinha então perdido uma fugidia inspiração
Tinha pra buscá-la, então, com melifluente expressar
Com o coração a flertar com a ternura, canção

Ele cantava e a melifluência no ar

A lhe perpassar rente às asas, que ruflavam ao vento
Lhe afagando o pensamento e lhe trazendo alegria
Pois que com a luz do dia tinha então o poema tão lindo o seu fechamento.
Valdecir de Oliveira Anselmo / (Dileto Aedo dos Anjos) / 08/12/2006

80 - Anjos e homens, música e luz

A música recende, como a impregnar de melifluente harmonia
Trazendo junto a poesia, sua companheira diletta
O ambiente ameno, de seleta platéia, embevecida
Dando um sorriso pra vida, com a felicidade afeita

São felizes! Como não sê-lo? Quem dirá que não devem!!!
Pois eles assim se atrevem e sorridentes, encantados
De luz seus corpos abastados, transluzindo harmonia
Tinham vivaz alegria. E os outros? Os outros então contagiados

Tentavam sorriso esboçar. Meio, a princípio, sem jeito
Mas quando, por fim, em seu peito, insuflado só de emoção
Ouviam a mélea canção, a mesma que os anjos ouviam
E os homens então lhes sorriam e eram só coração.
09/12/2006

81-Quando as vozes se calam...

Quando as vozes se calam, seus silentes sussurros
São cuidados, acuros d`anjos, extremosos desvelos
São apelos pro céu, oração tão singela!
Tem o afago d`estrela que vem então entretê-los

Quando as vozes se calam, o coração se enternece...
E o corpo então não padece, antes sorri vivazmente

Expressando tão docemente, os olhos em ternura embebidos!
E os lábios, tão comovidos, tremiam, qual arvoredo, em vento inclemente!

Quando as vozes se calam, o céu começa a falar!
E as asas de um anjo estreitar, o corpo que então aquecido
Jamais sentirá-se perdido na névoa, na escuridão...
Pois houve uma voz que é canção... e um anjo, um anjo nela embebido!

18/01/2007

Às vezes as demonstrações de afeto não se encontram nas palavras que o vento leva,
mas nas simples e despreziosas ações em prol daqueles que estimamos. Pode ser
até um pensamento silencioso, embebido em ternura, carinho.

82-Sinfonia

(Poesia de Aniversário)

Hoje exalou o dia a recendência do encanto
E um anjo em seu recanto aprazível urdia, com dourados fios
A tecedura do afeto, lios que estreitava à su'asa
E suspiroso cantava, melíflua voz evolvendo

E as asas rufando ao vento deram o arranjo eternal
Ao méleo acalanto vernal do dia que despontava
Em um arrebol que brilhava, em enternecido fulgor
Trazendo consigo o olor da graça que então flanava

Dizia o anjo, contente, com a alacridade que tinha:
- Vejo na entrelinha dum verso que entoa esse dia
A doce e vivaz alegria que o torna mais leve e agradável
Pois é um dia estimável onde o encanto compõe sua mais vibrante sinfonia.

26/10/2006

83-Na luz do sol embebida

(Poesia de Aniversário)
Hoje um anjo osculou a face do dia
E a candura se atavia do dulcifluente seu olor

Qual sorriso de uma flor, embebida na luz do sol
Ao seu decantado arrebol que vem almas clarejar

Vem teu sorriso adejar e incide no coração tal afeto
Como se estivesse por perto anjinho de luz tão fungente
A recender, tão olente, a inolvidável alegria
Folgando com a luz do dia e a fagueirice do encanto

Tendo o vivaz acalanto a rebrilhar, transluzir
Como se a graça a fluir no álveo de um rio, em linfa cristalina
És qual anjo, Ana Cristina, que vem clarear esse dia
E vem trazendo alegria, juntamente com a luz da matina.
04/12/2006

84 - Encanto e Beleza

Subtrai-se o encanto da beleza

Pois não há nela clareza de que o há imiscuído
Mas em tudo o encanto há haurido a ternura que ilumina
E o encanto é tal qual fagueirice de menina, toda enlevada

Na relva enluarada, em bordejos de bailarina
O encanto é sutileza, não faz alarde
Não chega a desoras, não chega tarde, pois já está
Na alma que há acalentada a ternura

Que eleva qualquer criatura aos píncaros da ventura, acolá
Encanto é anjo ensimesmado, solilóquios ao vento
É um afagar o sentimento, envolto o mesmo em simpatia
É ter como acalanto a poesia, esse bafejo tão tépido
É anjo vivaz e lépido, qual outro igual não havia.

85 - Saudades, arranjo de melodia

Saudade é o tempo que se esvai, e a alma a evocar o olvido
Se sente por ele atraído, em total refocilo...
Em recanto tranqüilo, nas recordações tão queridas
Vendo nas despedidas um pretexto pra ouvi-lo

Saudade é o céu a falar, no bater do coração!
É uma tal antevisão de um encontro fortuito
Como se estivesse escrito nas entrelinhas de um sonho
E um anjo alegre, risonho, depois de estar tão aflito!

Saudade é ver impregnar-se a alma de uma ridente ternura
É como asa de alvura jamais vista, de arcanjo
A estreitar esse anjo, esse a trazer reconforto
E que te deixa absorto, embebido na luz, do seu doce arranjo.
22/01/2007

86 - Esperança, melifluente ternura

Tem a decantada doçura esse ruflar do encanto
O qual dimana de um canto, de sua silente alegria
Em fagueirosa harmonia a espargir sua ternura
Elevando a alma a altura, ao céu, que então lhe sorria!

Tem a decantada doçura esse ruflar do encanto
Provindo então dum recanto, do qual recende esperança...
No qual flana a lembrança do que ao coração se embala
Quando sorrindo lhe fala essa fagueira criança!

Tem a decantada doçura esse ruflar do encanto
É um afago, acalanto, em sutileza efusiva!
Que se coteja, alusiva, a melifluente poema
Cujo mote, seu tema, é sobre a luz rediviva!
22/01/2007

87 - Sorriso, brisa aprazível no recanto de um sonho

Sorriso é encanto e magia
É ordem na algaravia de um verso
Não tem um só tergiverso na busca de doce harmonia
A sem retoque poesia, na qual embebido, imerso

Sorriso é encanto e refocilo
E a alma não tem sequer um vacilo, sequer se esmorece!
Pois quando o dia amanhece tudo no ar se sublima
Pois o sol lhe anima e ela então se enternece

Sorriso é encanto, que se espraia risonho
Pelos recantos de um sonho, aprazível, qual vento!
Afangando o sentimento, tão prazeroso e sereno!
Encontrando fértil terreno na atmosfera desse elemento.
24/01/2007

88-Sobre as coisas boas

As coisas boas tocam-te a alma
De forma que acalma toda ansiedade
Em sutil claridade, essa então sem delir-se
Embevecida a sorrir-se, na sua dulcilidade!

As coisas boas perduram, enquanto o mal desvanece
Pois ele então não floresce no jardim florido do tempo
É apenas um contratempo, que serve então de lição
Não é calcando no irmão que chega-se ao firmamento!

As coisas boas existem, não são pura ilusão...
Não diga ao coração do mundo que ele se empederneu...
Olha bem dentro do teu, veja o quanto há de ternura!
Pois em qualquer criatura há nela um pouco do céu.
25/01/2006

89 - Encanto, charme da alma

Embevecido deambula o espírito pelo planeta
E sua essência vivaz, afeita à luz, se refocila,
Pois todo peso de si alija e exila ao esquecimento
Ganhando asa o sentimento, pois o homem não e feito só de argila!

É espírito sim, é espírito eterno!
E quando em comunhão com o fraterno um só dentre eles se inclina
Verá que algum outro se anima a seguir o ato seu
E então abre-se o céu, e seu simples ato sublima!

Não tenha vergonha ou receio de expressar o que sente
Pois um espírito sereno não dissimula nem mente, apenas o é tão sincero!
Agindo com desvelo, esmero, faça então tua parte...
Não deixe que o encanto se aparte a tudo o que e puro e é vero!
28/01/2006

90 - Inspiração

Almas então comovidas deixam-se levar ao méleo vento
Com as asas dum sentimento sublimado na ternura
E o coração, só candura, se embevece e se ilumina
Pois toda alma se afina ao que lhe toca com a pureza, proveniente d'altura!

Indiferente ao seu chamado não há quem o possa ser
Embalde é se debater quando o encanto nos embebe!
Sente-se então a alma leve, com a leveza d'anjo alado
E sua recendência assim ao lado, pois seu bafejo então recebe!

Inspiração! Alguns a chamam, outros, estro poético
E aquele que é tão cético chama apenas de acaso
Um descuido, um descaso, de algum gene displicente!
Apenas um mero acidente a acorrer-se ao acaso!
30/01/2007

91-Felicidade, melifluente delírio, momento mágico

Beber da fonte inexaurível do que é o deleite sublime
Do que coteja, rime, então, com o que eleva um anjo ao empíreo
Regalo pros olhos, colírio, abastando a alma de luz
Dimana, transluz, dum melifluente delírio

Felicidade é ver nas nuvens dossel
E fazer das nexas do céu recanto apetecível
Esconderijo acessível aos pendores da alma
E seus anseios acalma, em bucolidade aprazível!

Felicidade é ver nas coisas simples, sinais!
E trocar os “ais”, os suspiros, por um sorriso aberto
Ver chegar-se, bem perto, num estreitar de ternura
Ver que a doce candura tem melifluente concerto!

Ser feliz é tão simples: É manter sentimento ilibado
É estar na singeleza arrimado o espírito, todo ele embebido
Tendo pra si atraído, em seu nobilitante estado
Um anjo que agora, ao seu lado, caminha tão comovido!
03/02/2007

“Teremos apenas a felicidade esporádica, de momentos, tão somente, até que aprendamos a direcionar nossos sentimentos e nossos anelos, anseios, aspirações, para o que realmente é digno de um espírito anelar, ansiar, aspirar. Quando mudarmos nosso padrão de pensamento e dominarmos nossos sentimentos, teremos mais que lampejos da felicidade. Teremos a plena felicidade, que até o mais sereno dos anjos se comoverá com o nosso entusiasmo, com a nossa alegria.”

92 - Inspiração, dádiva da luz

Anjos em reboiço, em alegria imensa
Pois infensa aos dissabores é então sua canção!
E obliterada sua visão não está do horizonte
Pois sobem um oiteiro, um monte, e olham pro vale, pro chão!

E um anjo, dentre eles, todo embevecido e fagueiro
Por ser ele o primeiro naquele dia a contemplar o arrebol
Eram os raios da Estrela em prol do mundo, cuja luz devassa
E banha-lhe então sua asa essa vivificância do Sol

Ele com os seus cantava, então, melodia tão melíflua
Que se influa nos espíritos, ao se imiscuir no coração!
Aquele sublime inspiração, a que anelam todos os seres
Que dão prazeres, deleites, em toda e qualquer boa ação!
09/02/2007

93 - Dulcifluência

Quando no anelo dulcifluente a alma se embebe toda
E então um sorriso efusivo denota d'alma a timidez
E há um acalanto, talvez sob um murmúrio ao ouvido
De alguém tão meigo e querido que faz-nos sorrir outra vez!

Veja que o céu, o céu não nos tira o amparo!
Nem o encanto é tão raro que não possas nele embeber!
Que a luz não o possa trazer, pra arregalar-te a visão!
Mas veja: Os anjos não estão somente pro olhar entreter!

E um anjo, um anjo é sempre garboso!
E o céu nunca está silencioso, apenas espera o ensejo
Pra quando chegar o desejo da alma então o buscar
Se achegue um anjo a lhe dar na face então o seu beijo...
E pega-te então pela mão e vem por fim te guiar.
06/02/2007

94 - Algo mais agradável, algo mais doce

Leve-me, oh anjo, à fonte inexaurível de todo deleite humano!
Ablua minha alma na limpidez dum beethoveniano acalanto
Na mélea sinfonia, um ode, um canto, à suprema alegria
Pra que minha alma na divinal harmonia se embeba, no aprazível olor de algum recanto!

Dai-me luz pra que eu veja o mundo, não como ele se me mostra no momento
Mas que vislumbre no advento todo ideal anelado
Para um mundo sublimado pelas virtudes excelsas, indelevelmente arraigadas
Nas almas por fim abastadas de amor... e o desencanto alijado!

Ensina-me a sorrir, não com o sorriso malicioso
De quem se acha garboso a requestar coração!
Ensina-me poesia, canção, e dá-me voz melifluente
Pra que ela tão puramente oscule a face dum irmão.
02/03/2007

95 - Almas em luz

Ensimesmada a alma deambula em seus sonhos
Onde anjos risonhos abacelam os encantos
Pois então nos recantos onde vernais aprazíveis
Em fagueirices risíveis na efusão de acalantos

Quando toda embevecida, a se imiscuir nas belezas
A alma tem as certezas que a então reconfortam
Que lhe reportam às delícias dum paraíso anelado
Que sente vivaz ao seu lado inspirações que a exortam

Não teme sequer o exício, pois a visão tão longe está da tacanha
Tão pouco se acanha o espírito, pois todo ele na luz embebido!
Tendo para si atraído, em seus júbilos vivazes
Esses arroubos audazes que mantêm o entusiasmo aquecido!

Ter lampejos de bondade e externar ser sensível
Torna tudo mais claro e de iniludível visão
Deixa então indelével, como se imanente já fosse
Esse tão doce deleite que pulsa com o coração.

Quando se tem luz na alma não se teme o exício (A morte humana; a morte), pois não se teme o destino, quando se tem o reconforto da paz e da harmonia, conquistadas pelo espírito, em sua audácia de buscar a verdade, esteja ela onde estiver, não importando os percalços, vicissitudes, incompreensões, que atravancam o caminho. Aquilo que é puro, nobre, belo, se consolida, arraiga na alma, como se ela sempre estivesse embebida no acalanto da pureza que acompanha as coisas boas e tudo o mais que for inferior ou que não se coadunar com a virtude que a alma alcançou ela não mais buscará ou sentir-se-á bem ao seu contato, pois ela vibrará em outra faixa, mais conforme ao seu novo estado. As coisas nos fazem bem ou nos fazem mal, não por serem boas ou serem más em si, mas como as vemos, como boas ou más, conforme nosso nível de conhecimento e nossa moralidade.

96 - Sobre a amizade

Coaduna-se as três sublimes emanções
Que são recendências, evocações de um espírito enobrecido.
São o que há ele haurido nos paramos de luz
É o que agora dele transluz e que o deixa embevecido

Amor, empatia e afinidade são elas
São as três estrelas em miríade de ternura

Cujo brilho é candura que se espraia e no coração nidifica
E então o mesmo deifica e o reveste só de alvura

Amizade, ela em hausto sedento então bebe
Toda essa luz e se embebe, como se fosse tudo! E o é, certamente!
Nesse acalantar, meleamente estreitando
O que vem deleitando o espírito e o deleitará, eternamente.
21/03/2007

Emanação: Processo pelo qual os múltiplos seres que constituem o Universo dimanam de um ser único.

Então a Amizade vem reunir os seres, dispersos pelo tempo e pelo espaço, em enlances de afinidade, amor e empatia, que são qual poderoso imã que estreitam os seres e os amalgamam na intimidade divina, tornando o sentimento mais puro que possa haver entre um ser e outro e que, quando se arraiga no espírito, tornar-se-á eterno, pois o espírito o é e todos os seus sentimentos mais puros o são, pois são imanentes nele.

97 - Poesia para a poesia, a verdadeira musa

Olho-te e na imensidão, ensimesmado, embebo-me
e vou-me, então, flanando, como se brisa então me levasse
como se nada então me faltasse e abastado de tudo estivesse

e a suscitar interesse o simples que minha alma tocasse

Dá-me a força que levas consigo
dá-me luz e um abrigo pra quando chover eu tenha um teto
estreita-me em abraço, dá-me afeto e faz-me sorrir, qual criança
dá-me a doce esperança e não fica longe, fica perto!

Deixa confluir pra minha alma as luzes do encanto
essas que dimanam do recanto aprazível da candura
tendo a decantada ternura de tudo o que flui, placidamente
de tudo o que perpassa melifluamente na alma e lhe captura.
28/03/2007

98 - Sereníssima

Quando uma nesga da realidade se imiscui na poesia
Há misto de alegria com laivos nostálgicos
Há na oniricidade mágicos e efusivos encantos
Que em aprazíveis recantos são embevecendoramente aromáticos!

Vai poesia, pega o ideal e o traslada pra luz!
Veja o que d'alma transluz e adiciona a pureza
Alinda com a beleza, aquela imanente à ternura!
Traga da sublime altura melifluente certeza

Ah, poesia, tens a luz pra minh'alma
Tens a calma que anelo, a placidez comovente!
Tens o olente bafejo, que recende candura
Tens a mélea doçura que me faz sorrir, embevecidamente!
29/03/2007

Só a poesia nos dá a serenidade!

99 - O que a poesia te traz

A poesia tem o dom de te fazer sorrir, quando o mundo te fizer chorar!
Jamais perdurar deixará a tristeza naqueles que lhe buscam
Naqueles que se insuflam de toda ternura que exala
Naqueles a quem embala e em seu refocilo se exultam.

A poesia diz, em sua melifluente doçura,
Que a ilusão a criatura aprisiona
Que o que desilude é o que traz à tona a verdade
É o que traz liberdade e a paz, que então a alma retoma!

A poesia soergue tu'alma e a sustem acima do desencanto
Ela tem o méleo acalanto que o equilíbrio fomenta!
Ela tua alma alimenta de toda luz que precisa
Ela é clara e concisa em tudo o que diz e sustenta
Pois o que diz te alenta. E ela solícita avisa
De algum perigo iminente e prontamente afugenta.
30/03/2007

100 - Consolo

A poesia sabe mais do que o poeta sabe
E somente a ela cabe dar-lhe as respostas!
Não há cartas postas à mesa que ela já não as tenha vislumbrado
E não há anjo que lhe dado não tenha literatas propostas

Há alento na poesia quando o encanto arrefecido
Pois nem tudo estará perdido enquanto a luz tiver a musa!
Enquanto o céu não lhe recusa ajudar a quem perdido
Por desilusão acometido, porquanto a dor se lhe acusa!

- Esqueçamos – Disse a musa – Olvidamos o passado!
“Pra que ficar agrilhado a infelizes momentos?
Buscamos novos sentimentos, abluídos só em candura
Pois sempre haverá ternura pra suplantar os lamentos!”

01/04/2007